



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

**O ENCONTRO COM O PODER SALVÍFICO DE DEUS NA PESSOA DE JESUS
APROXIMAÇÕES HERMENÊUTICAS SOBRE O DUPLO RELATO
DE CURAS EM MARCOS¹**

*The encounter with the saving power of God in Jesus
Hermeneutical approaches of the double report of healings in Mark*

João Luiz Correia Júnior²

Resumo: O mercado religioso, em virtude da forte demanda por curas imediatas, por meio de milagres, continua em franco desenvolvimento. Mas uma pergunta se faz necessária: será que o sagrado oferecido é realmente capaz de libertar as pessoas de seus males físicos, mentais e espirituais? Nessa perspectiva, abre-se espaço para uma fecunda análise desse fenômeno que se observa em toda parte, ao longo dos séculos, inclusive dentro da religião cristã, sobretudo em tempos de crise. O presente artigo tem como objetivo ir à fonte da experiência cristã para buscar interpretar um duplo relato de curas milagrosas protagonizadas por Jesus no Evangelho de Marcos (5.21-43). Para tanto, desenvolve-se aqui uma reflexão crítica, na perspectiva literária e hermenêutica, com o intuito de dar uma contribuição ao debate em torno do tema na perspectiva bíblico-teológica.

Palavras-chave: Relatos de milagres. Religião cristã. Fé. Saúde.

Abstract: The religious market, due to high demand for immediate healing through miracles, is still being developed. But one question is necessary: Is the sacred offered actually capable of releasing people from their physical, mental and spiritual ailments? From this perspective, a fruitful analysis of this phenomenon is possible, and it can be observed everywhere, throughout the centuries, even within the Christian Religion, especially in times of crisis. This article aims to go to the source of Christian experience to interpret two miraculous healings headed by Jesus in the Gospel of Mark (5.21-43). Therefore, it develops here a critical reflection on hermeneutics and liter-

¹ O artigo foi recebido em 14 de outubro de 2011 e aprovado em 14 de abril de 2012 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Teólogo, doutor em Teologia com concentração na área bíblica, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO), Rio de Janeiro, Brasil. Professor titular da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), Recife/PE, Brasil, onde leciona no Mestrado em Ciências da Religião e no Curso de Teologia. Contato: joaoluizcorreia@uol.com.br

ary perspective, in order to contribute to the debate around the theme, in the biblical-theological perspective.

Keywords: Reports of miracles. Christian Religion. Faith. Health.

Introdução

O tema deste artigo nasce do desafio que está posto pela chamada crise da Modernidade. Não é mais novidade que o tão propalado desenvolvimento científico, inclusive na área das Ciências Médicas, beneficia apenas uma pequena parte da população mundial, que são as pessoas de maior poder aquisitivo. A grande maioria se vê alijada dos melhores hospitais, dos tratamentos mais avançados e dos remédios de última geração. Em muitos países, como o Brasil, a saúde pública é um caos.³

Nesse contexto, no contato com o mais profundo do fosso da limitação humana, quando tudo parece perdido, sem sentido, muitas vezes só resta uma saída: realimentar a sutil e frágil chama da fé, e trilhar o caminho que leva a uma religião.

Provocados por tais desafios e pelos questionamentos pastorais que brotam das comunidades cristãs e do magistério, procuramos tirar do texto de Mc 5.21-43 a sua “reserva de sentido” para hoje.

Assim, num primeiro momento, apresentamos a narrativa de cura da mulher com fluxo de sangue e da filha de Jairo no Evangelho de Marcos, procurando compreender a sua estrutura literária. Em seguida, fazemos algumas aproximações do ponto de vista hermenêutico com o intuito de refletir sobre o encontro com o poder salvífico na pessoa de Jesus, que é proposto pela narrativa em estudo.⁴

O duplo relato de curas em Mc 5.21-43

Essa narrativa está presente nos três evangelhos sinóticos. A opção pelo Evangelho de Marcos deve-se aos seguintes aspectos:

³ O tema da saúde pública é tão preocupante que a Igreja Católica, por meio da CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, em sua Campanha da Fraternidade de 2012, lançou para a reflexão o tema “Fraternidade e Saúde Pública”. CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *Campanha da Fraternidade 2012: Manual*. Brasília, 2011.

⁴ Essa temática foi trabalhada em um livro de minha autoria, cuja edição está esgotada. CORREIA JÚNIOR, João Luiz. *O poder de Deus em Jesus: um estudo de duas narrativas de milagres em Mc 5,21-43*. São Paulo: Paulinas, 2000.

a) Marcos é tido como o evangelho mais antigo: não necessariamente a edição, mas a catequese nele contida aparece em sua forma mais antiga.⁵ Pode-se situar a composição desse evangelho depois de 66 e antes de 70, na Galileia.⁶

b) É possível que Marcos tenha sido usado por Mateus e Lucas ao comporem eles seus evangelhos, embora tenham imprimido sua marca e originalidade ao que escreveram.⁷

c) Enquanto nos outros evangelhos têm mais peso as palavras-ensinamento (*logias*), em Marcos um peso semelhante é dado aos milagres. Dessa forma, os “relatos de milagre” (apresentações literárias dos gestos prodigiosos de Jesus) ocupam um lugar proporcionalmente mais amplo e significativo, tendo em vista as finalidades da pregação cristã.⁸

Por meio do Evangelho de Marcos estamos, portanto, mais próximos de uma primeira teologia acerca de Jesus, o que nos ajuda a entender melhor o impacto inicial que tal personagem causou nas primeiras comunidades cristãs. Estamos próximos também do taumaturgo Jesus de Nazaré, interpretado como alguém capaz de curar as doenças e até mesmo resgatar a vida de quem já estava morto.

A narrativa é a seguinte⁹:

21 E de novo, atravessando Jesus de barco para o outro lado, uma numerosa multidão o cercou e ele se deteve à beira-mar.

22 Aproximou-se um dos chefes da sinagoga, cujo nome era Jairo, e vendo-o, caiu a seus pés, 23 Rogou-lhe insistentemente, dizendo: “Minha filhinha está morrendo. Vem e impõe nela as mãos para que ela seja salva e viva”.

24 Jesus o acompanhou.

E numerosa multidão o seguia, apertando-o de todos os lados.

25 Ora, certa mulher que havia doze anos tinha um fluxo de sangue; 26 e que muito sofrera nas mãos de vários médicos, tendo gasto tudo o que possuía sem nenhum resultado, mas cada vez piorando mais, 27 ouvira falar de Jesus. Aproximou-se dele, por detrás, no meio da multidão, e tocou seu manto. 28 Porque dizia: “Se ao

⁵ Tal catequese está condensada em “unidades de tradição transmitidas isoladamente ou pequenos grupos de unidades da tradição oral outrora juntas (p. ex., os discursos polêmicos, 2,1-3,35, as parábolas, 4,1-32, os milagres à beira do lago, 4,35-5,43, a narração da paixão)”. Tendo isso presente, Kümmel afirma que “não podemos ir além da afirmação de que provavelmente algumas fontes escritas não muito extensas estejam subjacentes a Marcos; para sermos mais precisos, diríamos que o evangelista teria combinado entre si pequenas coleções de diversas tradições e unidades dispersas da tradição, resultando disso tudo uma apresentação mais ou menos coerente”. KÜMMEL, Werner Georg. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1982. p. 97-98.

⁶ É a tese de Myers: “Uma data anterior a 70 e durante a revolta (portanto, depois de 66) é essencial à coerência da ideologia política e econômica da narrativa de Marcos. A forte crítica que Marcos lança ao estado do templo e à sua economia política teria evidentemente sido supérflua se o templo já houvesse sido destruído”. MYERS, Ched. *O evangelho de São Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 68.

⁷ BALLARINI, P. Teodorico (Org.). *Os evangelhos*. In: *Introdução à Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1972. v. IV, p. 411.

⁸ FABRIS, Rinaldo. *O evangelho de Marcos*. In: *Os Evangelhos (I)*. São Paulo: Loyola, 1990. p. 480

⁹ BIBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

menos tocar suas roupas, serei salva”. 29 E logo estancou a hemorragia. E ela sentiu no corpo que estava curada de sua enfermidade.³⁰ Imediatamente, Jesus, tendo consciência da força que dele saíra, voltou-se para a multidão e disse: “Quem tocou minhas roupas?” 31 Os discípulos disseram-lhe: “Vês a multidão que te comprime e perguntas ‘Quem me tocou?’”

32 Jesus olhava em torno de si para ver quem havia feito aquilo. 33 Então a mulher, amedrontada e trêmula, sabendo o que lhe havia sucedido, foi e caiu-lhe aos pés e contou-lhe toda a verdade.

34 E ele disse-lhe: “Minha filha, a tua fé te salvou; vai em paz fique curada desse teu mal”.

35 Ainda falava, quando chegaram alguns da casa do chefe da sinagoga dizendo: “Tua filha morreu. Por que perturbas ainda o Mestre?” 36 Jesus, porém, tendo ouvido a palavra que acabara de ser pronunciada, disse ao chefe da sinagoga: “Não temas; crê somente”. 37 E não permitiu que ninguém o acompanhasse, exceto Pedro, Tiago e João, o irmão de Tiago.

38 Chegaram à casa do chefe da sinagoga, e ele viu o alvoroço. Muita gente chorando e clamando em voz alta. 39 Entrando disse: “Por que este alvoroço e este pranto? A criança não morreu; está dormindo.” 40 E caçoavam dele. Ele, porém, ordenou que saíssem todos, exceto o pai e a mãe da criança e os que o acompanhavam, e com eles entrou onde estava a criança.

41 Tomando a mão da criança, disse-lhe: “*Talitha Kum*”, o que significa: “Menina, – eu te digo – levante-te!”

42 No mesmo instante, a menina se levantou e andava, pois já tinha doze anos. E ficaram extremamente espantados.

43 Recomendou-lhes então expressamente que ninguém soubesse o que tinham visto. E mandou que dessem de comer à menina.

Ao lermos a narrativa acima, encontramos relações internas que sugerem um esquema construído através das seguintes subunidades:¹⁰

- v. 21 Numerosa multidão cerca Jesus (**domínio público**)
- v. 22 O chefe da sinagoga **prostra-se** diante de Jesus
- v. 23 Súplica pela filhinha
- v. 24a **Jesus acompanha** Jairo

¹⁰ Utilizamos no esquema abaixo (e nas explicações do esquema) o “v.” como abreviatura de “versículo”, e “vv.” para designar “versículos”.

- v. 24b Numerosa multidão (**massa amorfa**) comprime Jesus
- vv. 25-28 O **segredo** da mulher e sua secreta atitude
- vv. 29-31 A cura e a **consciência** do poder de Jesus
 em meio à inconsciência dos discípulos
 – **A mulher** sente-se curada (v. 29)
 – **Jesus** tem “consciência da força que dele saíra” (v. 30)
 – **Os discípulos** ignoram tudo (v. 31)
- vv. 32-33 A mulher se revela e **proclama** toda a verdade
- v. 34 Uma filha de Jesus (**uma alguém**) emerge da multidão

- vv. 35-40 **Alguns poucos acompanham** Jesus
- v. 41 **Ação concreta:** Jesus atende a súplica
- v. 42 A filha do chefe da sinagoga **levanta-se e anda**
- v. 43 Ninguém deve saber (**intimidade**)

Como se percebe na estrutura do texto, a narrativa é muito bem construída em dois relatos entrelaçados: a cura da filha de Jairo, que sofre uma interrupção para ser narrada a cura da mulher com fluxo de sangue, sendo retomada logo em seguida. Temos, então, a seguinte sequência: Mc 5.21-24a [5.24b-34] 5.35-43.

Tomando o v. 21 como introdutório, podemos encontrar uma moldura da períclope com o v. 43. Na abertura (v. 21), Jesus está em ambiente público, cercado por numerosa multidão, à beira-mar, sem privacidade alguma. No fim da narrativa (v. 43), Jesus está dentro de uma casa, num quarto fechado em companhia de algumas poucas pessoas, num ambiente de privacidade, recomendando – inclusive – que ninguém tomasse conhecimento do que se passara ali. Os dois versículos estão, portanto, em paralelismo antitético: domínio público (numerosa multidão) X intimidade (poucas pessoas, sigilo).

Podemos interpretar os vv. 29-31 como sendo o centro de toda a narrativa. Assim sendo, chegamos ao clímax tão esperado, em que todo o esforço da hemorroíssa é, finalmente, coroado de êxito. Encontramos aqui a experiência do poder de Deus, por parte da mulher – que o recebeu, e por parte de Jesus – que o intermediou, no meio de uma multidão e diante dos discípulos que demonstram nada perceber. Trata-se de uma poderosa energia revitalizadora, δύναμις [*dynamis*], que foi desencadeada com o toque da mulher em Jesus, fazendo estancar imediatamente a hemorragia, ao ponto dela sentir-se curada. Ao mesmo tempo, também de forma imediata, Jesus toma consciência que poderosa energia emanara do seu corpo, em virtude de um toque especial de alguém.

Em Mc, o significado da palavra “*dynamis*” é aplicado ao poder do Deus vivo, ou a uma “obra poderosa” que manifesta tal poder (6.2,5,14; 9.39). O encontro pessoal com esse poder salvífico na pessoa de Jesus de Nazaré parece ser algo fundamental no evangelho e, de modo especial, em Mc 5.21-43. Tratemos desse aspecto, a seguir, buscando algumas aproximações hermenêuticas.

Aproximações hermenêuticas sobre o encontro com o poder salvífico na pessoa de Jesus

O encontro com Jesus na narrativa de Mc 5.21-43 traz consequências positivas, profundamente libertadoras para todas as pessoas envolvidas. Buscando algumas aproximações hermenêuticas, vejamos, num primeiro momento, as características desse sagrado salvífico na pessoa de Jesus, e, num segundo momento, a experiência transformadora causada na vida da mulher com fluxo de sangue, bem como na pessoa de Jairo e de sua filha.

Características do Sagrado Salvífico em Jesus

Jesus, em sua ação taumaturgica, circundado e comprimido pela multidão numerosa, é apresentado como alguém que tem poder, força dinâmica capaz de restaurar a saúde das pessoas que o buscam com fé. No encontro com Ele, Jairo (em prol de sua filha) e a hemorroíssa (em prol de si mesma) fazem a experiência profunda do encontro com o Sagrado, que tem a capacidade de salvar, imbuído que está do poder salvífico de Deus.

No Evangelho de Marcos, nos resumos que encontramos ao longo do texto (1.33-34,39; 3.7-12; 6.31-32; 53-56), bem como na maior parte dos relatos de milagres, tal ação taumaturgica de Jesus apresenta as seguintes características: a) Revela o poder extraordinário de Jesus. Um poder escondido, misterioso, que não pode ser confundido com outras forças mundanas; mas, ao mesmo tempo, um poder que irrompe no mundo e não pode ficar escondido. Jesus é, portanto, o taumaturgo escatológico. b) Revela a Boa-Nova, o Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus. Sua ação é interessante não por ser evento extraordinário, mas porque Jesus é extraordinário, excepcional, importante. A Boa-Nova acontece durante a missão, no caminho que leva à morte e ressurreição, e antecipa, como sinal provisório, mas decisivo, o poder altíssimo de Deus que se manifesta na ressurreição. Jesus é, portanto, o Cristo, Filho de Deus.¹¹

Vejamos isso em mais detalhes...

¹¹ FABRIS, 1990, p. 481.

Jesus, o taumaturgo escatológico

Praticamente a totalidade dos investigadores na área dos estudos bíblicos está de acordo em afirmar um fato historicamente inegável sobre Jesus: ele foi considerado por seus contemporâneos um curador e exorcista de grande prestígio. Todas as fontes cristãs tratam invariavelmente das curas e exorcismos realizados por Jesus.¹²

As intervenções prodigiosas de Jesus situam-se num ambiente carregado de expectativas históricas, cujas raízes encontramos na grande tradição bíblica. Essa tradição alimentou a esperança de uma intervenção libertadora de Deus na história do seu povo, através de um messias que repetirá os “sinais” ou prodígios feitos por Deus mediante o seu “profeta” Moisés, o primeiro libertador. Nesse ambiente, surgem pessoas fingindo ser inspiradas por Deus e maquinando desordens e revoluções, que excitavam o povo ao fanatismo religioso e o conduziam ao deserto, prometendo que ali Deus lhes teria mostrado sinais de libertação. Em virtude disso, surgem advertências aos cristãos que vivem na perspectiva do fim do mundo e da vinda do Senhor, sobre “falsos Messias” e “falsos profetas” que “apresentarão sinais e prodígios para enganar, se possível, os eleitos” (Mc 13.22).¹³

É dentro desse clima de expectativa messiânica que os discípulos de Jesus, entre os quais o evangelista Marcos, interpretam a sua ação taumatúrgica como sinal peculiar e poderoso de missão escatológica, isto é, como atitude de pura gratuidade e compaixão pelo seu povo, em sinal da proximidade (irrupção) do reino de Deus na história humana (o “fim dos tempos” já acontece no “aqui e agora”).¹⁴

Jesus é concebido, portanto, como aquele que age sob o impulso da grande novidade que se aproxima e chega: é mensageiro do Deus (Pai) que a ele envia para um encontro fecundo com todas as pessoas de boa vontade que o buscam com fé, evidente *boa notícia* de que o Reino chegou e está ao alcance de todos (próximo). É o próprio Jesus quem afirma isso com todas as letras, logo no início do Evangelho de Marcos, ao iniciar a evangelização na Galileia: “O tempo está realizado e o reino de Deus está próximo. Converti-vos e crede no evangelho” (Mc 1.14-15).

Nessa perspectiva evangélica, Jesus é o profeta escatológico, cujos milagres são apresentados como sinais da sua missão salvífica, nunca como o centro da sua atividade messiânica. Essa diferença é profundamente relevante. Jesus não se apresenta ao mundo como um curador a mais, com poderes especiais de Deus sobre a terra. Curandeiros, exorcistas, sanadores, mágicos, existiam muitos no seu tempo. Mais um não teria acrescentado quase nada. Jesus apresentou-se, segundo os evangelhos, como mensageiro de Deus, o seu delegado na tarefa de anunciar o Reino; por isso começou a comportar-se como *profeta apocalíptico*: a sua missão fundamental consistia em

¹² PAGOLA, José Antonio. *Jesus: aproximação histórica*. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 198.

¹³ FABRIS, Rinaldo. *Jesus de Nazaré: história e interpretação*. São Paulo: Loyola, 1988. p.150.

¹⁴ Segundo John P. Meier, “os milagres de Jesus nos evangelhos são apresentados como sinais e realizações do poder misericordioso do Deus de Israel, agindo no fim dos tempos para salvar não apenas indivíduos, mas o povo de Israel como um todo, através de seu agente Jesus”. MEIER, John P. *Um judeu marginal: repensando o Jesus histórico*. Rio de Janeiro: Imago, 1998. v. 2, livro 3: Milagres, p. 55.

mostrar (anunciar, significar) a irrupção transformadora de Deus na história. Nesse sentido, pode-se entender corretamente a ação taumaturgica de Jesus: suas curas concebidas como miraculosas são sinais da chegada do Reino, são sinais que realiza o enviado escatológico de Deus para, dessa maneira, caracterizar a sua missão sobre a terra.¹⁵

Os atos do taumaturgo nos questionam: que classe de poder está implícita na ação de Jesus? Para os que olham a partir da perspectiva da fé, situando Jesus no contexto da esperança escatológica judaica, os milagres se tornam sinais da irrupção do reino de Deus na história: “Se é pelo Espírito de Deus que eu expulso os demônios, então o reino de Deus já chegou a vós” (Mt 12.28-29).

Esse taumaturgo é o Cristo, Filho de Deus

A mensagem radical do evangelho é a de que Jesus cura de forma poderosa os doentes e fragilizados do seu povo. Assim, vai anunciando o reino de Deus. Sua ação e sua pessoa salvífica se tornam princípio do Reino: abrem um espaço de fé, pois ajudam pedagogicamente os excluídos e oprimidos a crer. Descobrem, pela própria experiência vital que “a fé (no Cristo de Deus, como enviado escatológico do Reino) move montanhas”, isto é, pode realizar o aparentemente impossível. Por isso Jesus não faz milagres (sinais) quando lhe pedem que os faça como prova contundente da sua autoridade e da sua missão como o Cristo de Deus (cf. Mt 12.38-39; 16.1 par.). Seus milagres não valem por si mesmos, como realidade independente; valem porque surgem do dom do Reino que se manifesta como força salvadora (de amor) para os que sofrem; são taumaturgia do Reino; apontam para a presença na história do enviado escatológico, através do qual Deus oferece os sinais da sua graça salvadora, humanizadora, sobre um mundo que parece condenado, submetido ao poder desumanizante do mal.¹⁶

Para o hebreu, a vida como tal significa bem-estar e salvação; os poderes da morte já atingem o ser humano na enfermidade, arrebatando-o na hora da morte para arremessá-lo à mansão dos mortos. Todas as vezes que cura doentes, o taumaturgo exerce sua função de doador da vida, e se reaviva um defunto, a doação da vida se eleva a mais alta potência. Por isso, no pensamento joanino, Jesus se manifesta como o “doador da vida” por excelência, doador da eterna vida divina, ao restituir à vida normal a um grave enfermo já às portas da morte (Jo 4.46-54), a um doente atacado de mal incurável (Jo 5.1-9), ou a um defunto que jaz há dias no túmulo (Jo 11). O gesto

¹⁵ PIKAZA, Xabier. *A figura de Jesus: profeta, taumaturgo, rabino, messias*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 82-84. Estudo bem elaborado que apresenta “Jesus como aquele que cura” (título de um capítulo do livro), encontramos em: THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. *O Jesus histórico: um manual*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 305-340.

¹⁶ PIKAZA, 1995, p. 88.

de “curar” ou de “ressuscitar” encerra, portanto, o sinal de doação da vida perene e imperecível.¹⁷

Em Marcos, tal conceito já se encontra, pelo menos, implícito: Jesus restitui a vida à filha de Jairo através de sua palavra salvífica que, com autoridade, ordena: “Levanta-te!”. O efeito é imediato. O que distingue esse reavivamento de outros operados pelos profetas Elias (1Rs 17.17-24) e Eliseu (2Rs 4.29-37) é justamente o fato de Jesus ter utilizado tão somente o poder de sua palavra. A prova desse poder é incontestável: a menina é capaz de caminhar, sinal de que lhe voltaram as forças vitais.¹⁸

Assim, quando perguntam a Jesus se ele é “aquele que há de vir”, sua resposta se fundamenta, sobretudo, em sua prática taumatúrgica: “Ide anunciar a João o que ouvís e vedes: os cegos veem e os coxos andam, os leprosos ficam limpos e os surdos ouvem [...] Feliz aquele que não se escandaliza de mim” (Mt 11.4-6). Reassumindo a promessa de uma velha profecia (cf. Is 35.5-6; 42.18), segundo Mateus, Jesus interpretou a chegada do Reino como cura dos enfermos. Certamente, para embasar essa palavra, ele concretizou curas, mostrando assim sua própria compaixão humana, como ressaltarão depois os evangelhos (cf. Mt 9.36; 14.14 par.).¹⁹

Desse modo, os primeiros cristãos interpretaram a prática taumatúrgica de Jesus à luz da expectativa messiânica do Antigo Testamento. Finalmente Deus mostrou o seu rosto à humanidade, desvendando-se nos gestos humanizadores de Jesus em prol das pessoas doentes e possesas, marginalizadas da vida em plenitude. Essa é a visão da qual o evangelho dá testemunho por meio de muitas narrativas de cura e de exorcismos.

Tais narrativas podem ser interpretadas, portanto, no plano da representância, produzido para revelar que o imaginário e as ações simbólicas estão permeados de valores e expectativas. Elas igualmente podem ser interpretadas no plano da significância, que permite uma interpretação, na qual interagem dois momentos distintos e interligados da narrativa: a pessoa doente/possessa incorpora e representa a coesão social através de exclusão, a qual indica para a experiência pessoal e social de caos e desequilíbrio; a prática libertadora de Jesus indica para a ruptura com esse esquema através do perdão, da cura, do exorcismo. Assim, conclui-se que a ação de Jesus interfere nas relações sociais e simbólicas de corpos doentes e sofridos, reconstruindo, portanto, também identidades pessoais e sociais.²⁰

É exatamente isso o que se observa na narrativa de Mc 5.21-43, a qual relata a experiência transformadora do contato da mulher e da menina com Jesus.

¹⁷ SCHNACKENBURG, Rudolf. *O evangelho segundo Marcos: primeira parte*. Petrópolis: Vozes, 1983. p. 142-143.

¹⁸ SCHNACKENBURG, 1983, p. 140-147.

¹⁹ PIKAZA, 1995, p. 85-86.

²⁰ REIMER, Ivoni Richter. *Milagre das mãos*. Curas e Exorcismos de Jesus em seu contexto histórico-cultural. São Leopoldo: Oikos; Goiânia: UCG, 2008. p. 66.

A experiência transformadora no contato com Jesus

As pessoas que fazem a experiência do contato profundo com a *dynamis* Jesus sentem na vida uma transformação positiva bastante forte e imediata, superando a melhor das expectativas. Vejamos em mais detalhes, a partir de Mc 5.21-43, as transformações que o contato com Jesus causa na vida das pessoas diretamente envolvidas no processo de cura.

Na vida de Jairo

O chefe da sinagoga vence todos os preconceitos e suplica a imposição das mãos de Jesus sobre sua filha doente, que estava em agonia, numa situação de emergência (ou já morta, segundo Mateus e Lucas). Na narrativa de Marcos, a morte da menina só vem a ser conhecida quando Jesus já está a caminho para a casa de Jairo. Assim, pois, em lugar da cura de uma doente, sucede um reavivamento.²¹

Antes de obter a graça de ver sua filha de volta à vida saudável, Jairo teve que suportar uma espera que, ao nível psicológico, deve ter parecido muito longa... Jesus só o atendeu após a hemorragia. Contudo, sua vida transformou-se ao fazer a experiência de ser o último (ele que tinha *status* social, enquanto um dos principais da sinagoga); transformou-se ao ser colocado depois de uma mulher impura (ele que era um judeu praticante, considerado puro). Não reclamou e, atendendo o conselho de Jesus, procurou não temer e crer somente, pois sua vontade maior era ter a sua filha de volta.

Interessante notar que o itinerário de fé de Jairo passa por várias etapas: prostrar-se, esperar para ser atendido, vencer o medo, a zombaria, ver a expulsão dos de sua casa e, finalmente, entrar junto com Jesus no quarto da criança, como se sua presença fosse necessária, junto com a da mãe da menina, para a cura da filha. O itinerário vai, portanto, do despojamento à participação “coadjuvante”. Só depois vem a ordem de silêncio.

A graça pedida por Jairo é concedida por Jesus em muito maior abundância do que ele teria pensado necessitar e, muito menos, alcançar. Quando a graça é tamanha, é difícil ficar calado. Contudo, Jesus impõe o silêncio: nem Jairo nem testemunha alguma do acontecido naquele quarto deveriam falar sobre o caso. Isso parece não ter sentido, pois todos estão convencidos do falecimento da menina e devem ficar bastante espantados ao vê-la aparecer viva e saudável. Porém, com tal ordem de silêncio, o evangelista parece pretender dizer que Jesus deseja ocultar o seu mistério aos descrentes; os que creem também devem ficar sabendo que aquela não era ainda a

²¹ Segundo Giuseppe Barbaglio, “o enigmático convite de Jesus a não fazer lamentações fúnebres porque a menina não está morta, mas dorme, na lógica narrativa, não indica uma morte aparente, mas a referência ao que está para acontecer. Alguns estudiosos conjecturam que um relato originário de cura tenha sido transformado em narração de ressuscitamento, mas parece mais provável pensar em uma terapia originária amplificada muito cedo em ressurreição, como testemunha a fórmula aramaica *talitha koum*; em outras palavras, o processo de amplificação aconteceu na origem, quando se começou a narrar o fato”. BARBAGLIO, Giuseppe. *Jesus, hebreu da Galileia*: pesquisa histórica. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 248.

hora de compreender o mistério do Filho de Deus. Após a ressurreição do Cristo, essa história lhes há de manifestar e confirmar que o poder de Jesus é mais forte do que a morte. Tal poder está acessível a todas as pessoas que passam necessidades na vida, por mais perdida que pareça ser a causa. A elas Jesus diz o que disse a Jairo: “Não temas, crê somente!”²².

A experiência de Jairo serve, portanto, de modelo, de paradigma para incentivar a fé das pessoas que buscam – no contato com Jesus – poderes para salvar e libertar a vida em situações-limite. Sem dúvida, os processos terapêuticos pressupõem uma relação interpessoal de fé/confiança entre a pessoa doente e a divindade ou o seu agente. Nisso se reflete não apenas o poder divino de perdoar e curar, mas também a importância e a abrangência de poderes em relação: a fé é uma expressão de poder que articula e libera o poder (*dynamis*) da divindade ou de seu representante, possibilitando uma poderosa dinâmica de libertação e superação do mal. Essa relação de poderes articulados atua na (re)construção de identidades após a cura.²³

Na vida da filha de Jairo

Jairo deixa bem claro o motivo da súplica da imposição das mãos sobre sua filha: “para que ela seja salva e viva!”. O vocabulário grego que corresponde a “salvar”, *soter*, pode ser entendido, como em nossa língua, tanto no sentido de cura corporal, como no de salvação eterna. O termo redundante “e viva” mostra de imediato que a preocupação do pai é justamente pela vida corporal da filha.²⁴ Contudo, o encontro com Jesus significou mais que isso para a menina. Jesus toma-a pela mão e chama-a para a vida adulta.

Ela, portanto, foi diretamente beneficiada pela fé do seu pai na pessoa de Jesus. Ao contrário da hemorroíssa, que ainda teve forças para partir em busca de Jesus, a menina estava totalmente dependente dos outros, pois além de ser mulher e menor, parece que nem estava mais consciente e, portanto, impossibilitada de suplicar que lhe salvassem a própria vida.

Salva da morte prematura e curada de sua doença, a menina pode dar continuidade à sua vida, menstruar, atingir a fase adulta e potencialmente ser capaz de gerar vidas. O encontro com Jesus, além de salvífico, foi literalmente vital para que pudesse desenvolver a sua capacidade humana.

Na vida da mulher com fluxo de sangue

A hemorroíssa, que demonstra agir influenciada pela crença popular a respeito de fluxos curativos transmitidos pelo simples contato com as vestes do taumaturgo, serve de exemplo – em sua fé simples – de como Jesus se inclina a uma pessoa que

²² PIKAZA, 1995, p. 147-148.

²³ REIMER, 2008, p. 66.

²⁴ SCHNACKENBURG, 1983, p. 140-147.

lhe devota elementar força de confiança: restitui-lhe a saúde corporal e a conduz à fé plena na promessa da verdadeira salvação.

A palavra que Jesus dirige à mulher já liberta do mal que a afligia corrige tacitamente suas noções imperfeitas: foi sua fé que a salvou, não na forma de crença mágica, e sim de humilde confiança, sempre recompensada por Deus. E, tendo por base tal fé, Jesus confirma a “salvação” à mulher, fazendo-a vislumbrar a redenção integral da pessoa humana no sentido pleno da palavra. Inspira-lhe consolo e confiança (“Vai em paz”) e assegura-lhe a saúde para o futuro – palavras que atestam a bondade e a vontade salvífica de Deus.²⁵ Assim, por meio da cura de sua hemorragia crônica (possivelmente vinculada à menstruação), a mulher conseguiu alcançar outras graças de que não imaginara ser merecedora.

Experiência transformadora para a hemorroíssa foi ser tratada como gente, na medida em que foi chamada a expressar-se como pessoa humana adulta diante de outras pessoas iguais a ela. Experiência transformadora foi tornar-se sujeito de uma fé adulta (que não abandona sua fé simples, mas a faz desabrochar numa fé assumida, consciente e confessada). Experiência transformadora foi, inclusive, ter sua sexualidade normalizada, o que lhe permitirá entrar no domínio das relações com os homens, engravidar e constituir sua própria família.

Tal fé simples e até ingênua (não muito aprofundada teologicamente) daquela anônima mulher do povo está, contudo, **em sintonia** com a elementar força de confiança imprescindível a toda pessoa que crê e, paradoxalmente, **em contraste** com a fraqueza de ânimo e de fé demonstrada pelos membros da casa de Jairo e até pelos membros do grupo de Jesus. Por essa razão, é sintomático que Jesus a trate de “minha filha”, justamente quando reconhece publicamente que foi sua fé (guardada no segredo de seu coração e agora testemunhada diante de todos) que a salvou (5.34).

Ela, como filha de Jesus, pertence à sua família, pois sua presença saudável (com a saúde física restabelecida e, psicologicamente, gozando de profunda paz e alegria) é um testemunho vivo de que a Boa-Nova já tem lugar na história, uma vez que Deus está agindo poderosamente através das mãos de Jesus. Pertence a essa família, portanto, toda pessoa que busque alcançar a graça de experimentar – nas ações e nas palavras de Jesus – a presença viva do Deus que atua poderosamente na vida de quem o busca com fé; tal pessoa, naturalmente, se sentirá impulsionada a difundir a alegre mensagem – carregada de paz e alegria – de que Deus já está presente na história.²⁶

Considerações finais

A narrativa de Mc 5.21-43 apresenta um verdadeiro “itinerário de fé”, cujo primeiro passo consiste em sair do comodismo e pôr-se no seguimento de Jesus, o

²⁵ SCHNACKENBURG, 1983, p. 144.

²⁶ CALLE, Francisco de la. Teologia de Marcos. In: *Teologia de los Evangelios de Jesus*. Salamanca: Sigume, 1977. p. 52-54.

Sagrado Salvífico Cristão, na esperança de encontrá-lo mais adiante, como o fizeram Jairo e a hemorroíssa.

Após ter arrancado a filha de Jairo da goela da morte, Jesus recomenda expressamente aos presentes (Pedro, Tiago e João, além do pai e da mãe da menina) que não se revele nada do que sucedeu entre as quatro paredes daquele quarto. Aos de fora, que não foram iniciados na caminhada de fé porque sucumbiram diante dos golpes da desesperança, a esses não é permitido ver a ação graciosa de Deus em prol da vida, em plena câmara mortuária onde impera a morte. Só aos iniciados, aos que foram previamente convidados porque continuaram firmes com Jesus, apenas a esses é permitido ver o novo tempo acontecendo.

Fica evidente que, a partir desse itinerário, tem-se a chance de ver e até de sentir no próprio corpo a concretização poderosa do reino de Deus: o próprio Jesus sente o fluir desse poder no instante em que alguém o tocou; a hemorroíssa atesta os benefícios revitalizadores desse poder no seu próprio corpo; a filha de Jairo – ao se levantar do leito de morte – é testemunho por excelência desse poder vivificador.

Nesse itinerário, ao longo do caminho percorrido, a fé sai profundamente beneficiada, fortalecida, energizada pelo poder de Deus. Ela aparece confirmada naquilo que é a sua própria essência: a confiança no mistério salvífico.

Aparece como um poder ao alcance de todas as pessoas, único capaz de ativar o poder supremo, dando ao crente e à crente toda a possibilidade de construir, no aqui e agora da história, em meio às contingências do cotidiano, a paz de Deus (*Shalom*, em hebraico; *eirene*, em grego).

A paz, como sugere Mc 5.21-43, é consequência do encontro com o poder salvífico de Deus na pessoa de Jesus. É comunhão profunda com o próprio Deus, o mesmo “Deus da paz” que, segundo Paulo, não tardará em esmagar Satanás debaixo de nossos pés (Rm 16.20).

Dentro desse contexto neotestamentário, as palavras com que Jesus se despediu da mulher em Mc 5.34 (“Vai em paz”) soam, ainda hoje, como um incentivo missionário para que a pessoa, uma vez restabelecida e revigorada em suas energias, parta para a batalha decisiva contra as potências do mal que alienam a saúde, a felicidade e a vida. Do mesmo modo, ao arrancar a filha de Jairo da morte, a ordem dada aos responsáveis para que dessem de comer à menina (Mc 5.43) conclama, de certo modo, à responsabilidade que se deve ter para com os mais jovens, continuadores que serão da missão evangelizadora.

Referências bibliográficas

BALLARINI, P. Teodorico (Org.). Os evangelhos. In: *Introdução à Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1972. v. IV.

BARBAGLIO, Giuseppe. *Jesus, hebreu da Galileia: pesquisa histórica*. São Paulo: Paulinas, 2011.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

CALLE, Francisco de la. Teologia de Marcos. In: *Teologia de los Evangelios de Jesus*. Salamanca: Sigueme, 1977.

- CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *Campanha da Fraternidade 2012*: Manual. Brasília, 2011.
- CORREIA JÚNIOR, João Luiz. *O poder de Deus em Jesus: um estudo de duas narrativas de milagres em Mc 5,21-43*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- FABRIS, Rinaldo. *Jesus de Nazaré: história e interpretação*. São Paulo: Loyola, 1988.
- FABRIS, Rinaldo. O evangelho de Marcos. In: *Os Evangelhos (I)*. São Paulo: Loyola, 1990.
- KÜMMEL, Werner Georg. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1982.
- MEIER, John P. *Um judeu marginal: repensando o Jesus histórico*. Rio de Janeiro: Imago, 1998. v. 2, livro 3: Milagres.
- MYERS, Ched. *O evangelho de São Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- PAGOLA, José Antonio. *Jesus: aproximação histórica*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- PIKAZA, Xabier. *A figura de Jesus: profeta, taumaturgo, rabino, messias*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- REIMER, Ivoni Richter. *Milagre das mãos. Curas e Exorcismos de Jesus em seu contexto histórico-cultural*. São Leopoldo: Oikos; Goiânia: UCG, 2008.
- SCHNACKENBURG, Rudolf. *O evangelho segundo Marcos: primeira parte*. Petrópolis: Vozes, 1983.
- THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. *O Jesus histórico: um manual*. São Paulo: Loyola, 2002.